

SESSÕES DO PLENÁRIO

54ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 22 de agosto de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADO BOBÔ (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial convocada para a outorga da Comenda Dois de Julho ao ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Dr. Cláudio Mascarenhas Brandão, nos termos da Resolução nº 1.830/2016, proposta pelo deputado Bobô, que sou eu. (Risos)

Convido para compor a Mesa o Sr. Chefe da Procuradoria Judicial, Ruy Sérgio Deiró, representante do procurador-geral do Estado e do governo estadual, Paulo Moreno Carvalho; o Sr. Desembargador Nilson Soares Castelo Branco, representante do presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Gesivaldo Britto; a Sr.^a Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, Maria de Lourdes Linhares Lima de Oliveira; a Sr.^a Ouvidora do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região e representante do Colégio de Ouvidores da Justiça do Trabalho, desembargadora Ivana Mércia Nilo de Magaldi; o Sr. Ministro aposentado do Tribunal Superior do Trabalho, Horácio Raymundo de Senna Pires; o Sr. Secretário-Geral do Ministério Público, promotor Paulo Gomes Júnior, representante da procuradora-geral de Justiça do Ministério Público, Ediene Lousado; o Sr. Conselheiro do Conselho Nacional de Justiça, desembargador do TRT Valtércio Ronaldo de Oliveira; a Sr.^a Presidente da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 5ª Região, Angélica de Mello Ferreira. (Palmas)

Solicito aos Srs. Carlos Machado e Geraldo Mascarenhas que conduzam a este recinto o nosso homenageado, o ministro do Tribunal Superior do Trabalho Cláudio Mascarenhas Brandão.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

Convidamos todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Antes de registrar as presenças, queria fazer um comunicado a vocês. Estamos numa sala improvisada, onde, inclusive, as sessões ordinárias desta Casa estão acontecendo, em razão do sinistro que vocês todos tomaram conhecimento. Óbvio que em breve voltaremos a nossa rotina, mas, de qualquer maneira, tínhamos que fazer esta homenagem ao ministro. Creio que não vai

ser nenhum impedimento para que as coisas aconteçam da forma como todos nós desejamos.

Registro agora as presenças de algumas pessoas: Dr. Jorge Otávio Oliveira Lima, presidente da ABAT e conselheiro da OAB, muito obrigado pela presença; André Godinho, amigo querido e conselheiro do Conselho Nacional de Justiça; Renato Simões, desembargador do TRT; Dr.^a Luíza Lomba, desembargadora do TRT; Dr. Tadeu Vieira, desembargador do TRT; tenente-coronel Bruno Sturaro, representante do comandante-geral da Polícia Militar, coronel Anselmo Brandão, muito obrigado pela presença; nosso querido José Medrado, parceiro e amigo, tanta luz, presidente da Cidade da Luz, muito obrigado por sua brilhante presença; Janair Tolentino Alvares, juíza do TRT, muito obrigada pela presença; Viviane Maria Leite, também juíza do TRT, muito obrigado pela presença; Ana Cláudia Scavuzzi, juíza também do TRT; Dorotéia Azevedo, juíza-auxiliar da presidência do TRT; Ana Paola Santos, juíza convocada do TRT; Maria da Graça Varela, juíza também do TRT; Cecília Pontes Barreto Magalhães, juíza do TRT; Guilherme Ludwig, juiz do TRT.

Ao longo da sessão eu vou registrando outras presenças importantes neste dia.

(Lê) “Bom dia a todos.

Estamos reunidos nesta manhã para conceder a Comenda Dois de Julho ao ministro do Tribunal Superior do Trabalho Cláudio Mascarenhas Brandão. É uma honra conceder a esse ilustre baiano de Ruy Barbosa a maior honraria desta Casa, oferecida a pessoas que representam a sociedade e realizam serviços relevantes para o nosso povo, que só engrandecem a nossa querida Bahia.

Nascido em Ruy Barbosa, em 3 de abril de 1961, Cláudio Mascarenhas Brandão sempre viveu em Itaberaba. Iniciou o curso de Direito na Universidade Católica de Salvador e se graduou pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, no ano de 1985. Se tornou mestre em Direito pela Universidade Federal da Bahia em 2005 e é doutorando em Ciências Jurídicas pela Universidade Autônoma de Lisboa.

Depois de trabalhar como menor aprendiz no Banco do Brasil, entre 1976 a 1979, passou para a iniciativa privada. Em 1981 iniciou os primeiros passos no Poder Judiciário ao trabalhar como auxiliar judiciário no TRT da 5ª Região, na Junta de Conciliação e Julgamento (JCJ) de Jacobina.

A partir daí a sua trajetória de sucesso se consolidou. Foi diretor da Secretaria da JCJ de Ipiaú entre 1983 e 1986. Atuou como juiz substituto em várias juntas de Salvador e do interior da Bahia e de Sergipe entre os anos de 1986 a 1989. Nesse mesmo ano, assumiu a presidência da Junta de Paulo Afonso, sendo transferido para outras unidades como Estância, em Sergipe, Santo Amaro e Itaberaba na Bahia até chegar à 15ª Vara do Trabalho de Salvador em maio de 1993. Ficou lá até 16 de abril de 2004 quando tomou posse como desembargador.

É ministro do Tribunal Superior do Trabalho desde 11 de julho de 2013, ao suceder o aposentado ministro Horácio Raymundo de Senna Pires. Em sua rica trajetória no Judiciário, assumiu tarefas importantes como a vice-presidência da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (ANAMATRA) e

membro da diretoria da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) e da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 5ª Região (AMATRA 5). Foi diretor de cultura, vice-presidente e duas vezes presidente, em mandatos alternados.

Não poderíamos esquecer que o nosso magistrado integrou, como voluntário, a Comissão Nacional de Coordenação do Programa Trabalho, Justiça e Cidadania, responsável pela Cartilha do Trabalhador, e colaborou na elaboração da Cartilha do Trabalho Seguro e Saudável, ambos projetos da ANAMATRA.

Foi professor de Direito do Trabalho da Faculdade Baiana de Direito, de Direito Processual do Trabalho e Direito do Trabalho da Faculdade Ruy Barbosa; do Podivm - Centro de Preparação e Estudos Jurídicos, da Escola Superior de Advocacia Orlando Gomes (OAB/BA) e da Fundação Faculdade de Direito da Bahia, da Universidade Federal da Bahia. Também foi professor convidado da Escola Judicial do TRT da 5ª Região.

Integrou a Comissão de Avaliação dos Projetos de Informatização da Justiça do Trabalho, do Conselho Superior da Justiça do Trabalho (2007/2009) e o Comitê de Gestão dos Sistemas Informatizados do Poder Judiciário do Conselho Nacional de Justiça (2008/2009). Foi coordenador dos Comitês Gestores de Tecnologia da Informação e das Comunicações e do Processo Judicial Eletrônico, ambos do Conselho Superior da Justiça do Trabalho (2011/2013), e integrou o Comitê Gestor do Processo Judicial Eletrônico do Conselho Nacional de Justiça (2011/2013).

Como desembargador do TRT da 5ª Região, foi presidente da 2ª Turma, da Seção Especializada em Dissídios Individuais II e da Comissão de Informática do TRT da 5ª Região (2005/2007 e 2009/2013). Integrou a Seção Especializada em Dissídios Coletivos e o Órgão Especial e foi vice-diretor da Escola Judicial.

Dizem que só se dá missão e tarefa importantes a quem tem o perfil dinâmico de realizar coisas na vida e no trabalho. Cláudio Mascarenhas Brandão é membro do Instituto Bahiano de Direito do Trabalho; da Academia Brasileira de Direito do Trabalho (ABDT); da Academia de Letras Jurídicas da Bahia (AJL-BA) e da Asociación Iberoamericana de Derecho del Trabajo.

E também autor dos livros ‘Direito do Trabalho - Apontamentos para concurso’, ‘Acidente do Trabalho e Responsabilidade Civil do Empregador’, ‘Reforma do Sistema Recursal Trabalhista: comentários à Lei nº 13.015/2014’, ‘Reclamação Constitucional no Processo do Trabalho’ e ‘Orientações Jurisprudenciais do TST Comentadas’ – em coautoria com o desembargador Raymundo Pinto –, além de ter sido coordenador do livro ‘Repercussões do Novo CPC: Processo do Trabalho’, em conjunto com o Prof. Estêvão Mallet.

Nosso homenageado é ainda autor de diversos artigos jurídicos em obras coletivas. Atualmente, é membro da 7ª Turma da Subseção I da Seção Especializada em Dissídios Individuais, SBDI-1, do TST.

Essa trajetória vitoriosa e rica só engrandece sua vida e orgulha a todos nós, baianos, e a nossa querida Bahia. Nada mais justo do que homenageá-lo com a maior honraria do Poder Legislativo da Bahia: a Comenda 2 de Julho.

Obrigado a todos!”

Eu quero finalizar e faço questão de dizer: essa honraria esta Casa tem feito para algumas pessoas que se destacam com trabalho de relevância e sua vida ilibada. Eu tenho profundo cuidado com a entrega dessas honrarias. Eu faço apenas uma vez por ano essa indicação. E tenho muito orgulho de ser o proponente dessa honraria ao senhor, pelo seu trabalho, pela sua história de vida aqui relatada e pelo seu entusiasmo em fazer o bem a essa nação. E por ser baiano, baiano do interior da Bahia, de uma cidade maravilhosa que eu tanto conheço, que adoro, que é Ruy Barbosa, mas, acima de tudo, por nos representar tão bem, ministro.

Todas as pessoas que eu comentei e falei sobre esse encontro do dia de hoje, todas as pessoas falaram do seu caráter, da sua seriedade, da sua condição de vida, da sua retidão de vida. Eu acho que isso é mais um motivo de orgulho para mim por ter feito essa honraria. Parabéns!

(Palmas)

(Não foi revidado pelo orador.)

(O Sr. Deputado Bobô reassume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Quero fazer um registro. Antes do homenageado falar, quero registrar a presença de D. Renildes Mascarenhas Brandão, mãe do homenageado, Tom Soares Brandão, pai do homenageado, está aqui à nossa direita; Cleide Mascarenhas Brandão, irmã do homenageado; Milena Plácido Correia, da família, sogra do filho; Felipe Brandão, filho do homenageado, obrigado pela presença; Hamilton Mascarenhas, irmão do homenageado; Geraldo Mascarenhas, tio do homenageado, nosso querido Geraldo.

(Intervenção fora dos microfones.)

Eu vou citá-la logo à frente aqui um bocadinho. (Risos)

No final, ela é quem vai fazer essa entrega. (Risos)

Mas, de qualquer maneira, vou fazer o registro de D. Ester Mascarenhas, presente aqui, a pedido do ministro.

(Palmas)

Bom, então nós vamos fazer logo a entrega. Então eu convido a D. Ester, esposa do ministro, e o seu filho também, Felipe, por gentileza, para a gente fazer a entrega da comenda. (Pausa)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, o ministro do Tribunal Superior do Trabalho Cláudio Mascarenhas Brandão. (Palmas)

O Sr. CLÁUDIO MASCARENHAS BRANDÃO:- Bom dia a todos, ao Sr. Presidente e proponente desta sessão, que me concedeu a medalha 2 de Julho, deputado Bobô. Para mim é uma honra passar a integrar aqueles que ostentam, que tiveram o reconhecimento dos representantes do povo da Bahia com tão distinta homenagem. Saudar o Sr. Chefe da Procuradoria Judicial, advogado e procurador Ruy Sérgio Deiró, aqui representando S. Ex.^a o Procurador-Geral do Estado, S. Ex.^a o

Governador do Estado da Bahia; querido amigo e desembargador Nilson Castelo Branco, representando o Tribunal de Justiça do Estado da Bahia e o presidente e desembargador Gesivaldo Britto; desembargadora Maria de Lourdes Linhares, presidente do meu sempre e permanente 5º Regional, tribunal onde permaneci boa parte da minha trajetória; desembargadora Ivana Magaldi, ouvidora do 5º Regional, aqui representando o Colégio de Ouvidores, colega de faculdade, amiga fraterna; ministro Horácio Raymundo de Senna Pires, paradigma de todos nós nesta terra, no Tribunal Superior do Trabalho, em todos os cantos em que se cultua o bom direito; o Sr. Secretário-Geral do Ministério Público, promotor Paulo Gomes Júnior, aqui representando a Sr.^a Procuradora-Geral de Justiça do Ministério Público, Edilene Lousado; Sr. Conselheiro do Conselho Nacional de Justiça, desembargador Valtércio, aqui também representando aquela importante instituição, juntamente com o conselheiro André Godinho, a quem também faço um cumprimento especial; e a Sr.^a Presidente, minha fraternal amiga juíza Angélica Ferreira, presidente da Associação dos Magistrados da 5ª Região, entidade que tive a honra de presidir e que representa a voz ativa dos juízes do trabalho desta nossa terra.

O tempo é um fenômeno dizível.

(Lê) “O tempo desperta o imaginário de compositores.

‘Compositor de destinos,

Tambor de todos os ritmos’

Na ‘Oração ao Tempo’, Caetano Veloso, após compará-lo com um Deus da existência, com ele dialoga e propõe um acordo para que possa dar mais sentido à vida.

O tempo também desperta intrigantes indagações filosóficas, como questiona Santo Agostinho nas suas ‘Confissões’: ‘O que é, pois, o tempo?’, pergunta ele. Quem poderá explicá-lo, clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento para depois nos traduzir com palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.” (Santo Agostinho, Confissões)

Tempo inspira poetas.

Ao responder à indagação formulada a si próprio, no sentido de saber “De que são feitos os dias?”, Cecília Meireles diz:

De pequenos desejos, vagarosas saudades, silenciosas lembranças... de pecados, de glórias.

Certamente estão a refletir a razão de me encontrar, nesse momento, a divagar sobre o tempo.

O tempo mede a dimensão espaço- temporal da vida, criativamente dividida em “fatias”, no texto homônimo de Roberto Pompeu de Toledo, e em cada uma dessas

fatias a história é construída: a minha história, a sua história, a história de um povo, a história de País.

E assim o foi no dia 2 de julho de 1823, cuja madrugada mudou a história de um povo e de uma nação, e passou a ter especial significado em nosso País, especialmente para nós, baianos.

Segundo o historiador baiano, Luís Henrique Dias Tavares, autor do livro “Independência do Brasil na Bahia”, foram os brasileiros que de fato libertaram a cidade do Salvador de armas nas mãos. Primeiro foram os brasileiros de Santo Amaro, Maragojipe, Cachoeira, São Francisco do Conde, Nazaré das Farinhas, Jaguaripe, que formavam um exército de esfarrapados.

Depois, entraram os brasileiros que desceram de Caetité, do Sertão e da Chapada Diamantina, formando um exército das mais diferentes cores, de brasileiros filhos de escravos, descendentes de escravos, brasileiros brancos pobres que nada tinham além de uma roça de cana plantada para o senhor de engenho, ... tomados de carrapatos, de bichos-de-pé, da cabeça aos pés nos meses em que permaneceram nas trincheiras cavadas nas terras de Santo Amaro e São Francisco do Conde, e que também causaram doenças como tuberculose, impaludismo e tifo; era um exército de esfarrapados e de homens famintos.

Ainda segundo o mencionado autor, foram cerca de 12 mil soldados, que contaram com apoio dos saveiros, canoas e barcos, com canhões colocados nas proas e popas, e assim armados foram decisivos na guerra, somados aos índios, os “verdadeiros brasileiros”, cujos esforços obtiveram o reconhecimento e a homenagem da Bahia, materializados no monumento que desde 1896 ornamenta a Praça 2 de Julho, também conhecida como Campo Grande, e do Brasil, a partir de 2013, quando, por intermédio da Lei nº 12.819, passou a integrar o calendário das efemérides nacionais.

Portanto, 2 de julho tornou-se símbolo da liberdade; da luta contra as adversidades; da garra e da força de um povo contra a tirania e a opressão; remete ao homem simples e valente, do sertão e da Chapada; ao pescador; ao vaqueiro; à miscigenação e à diversidade do povo da Bahia, branco, negro, mulato; de todas as crenças; de todas as cores é porque não dizer de todos os santos, encantos e axés.

Por tudo isso, Sr. Presidente, pelo que o Dois de Julho significa para a Bahia e sua gente, sinto-me honrado pela homenagem que ora recebo, simbolizada na comenda de mesmo nome, a mim outorgada pelos representantes do povo de minha terra.

A proposição de V. Ex.^a, chancelada pelo Plenário desta Casa, honra-me sobremaneira. O brilho nos gramados dos estádios da Bahia e do Brasil, ao defender, V. Ex.^a, equipes como Catuense, Bahia, São Paulo, Flamengo, Fluminense e Corinthians foi caracterizado, abro aspas, pela ‘precisão nos passes, bom posicionamento em campo e forma elegante de atuar’, fecho aspas, como reconhecido pelo jornalista Fábio Victor em reportagem veiculada pelo jornal Folha de São Paulo em 20 de julho de 1997, quando V. Ex.^a encerrou a carreira como

jogador para dedicar-se a outras atividades no meio desportivo e, posteriormente, na vida pública, seja no Poder Executivo, seja na vida parlamentar.

Nesse mister, deputado Bobô, os ‘zagueiros’, aspas, serão outros, e são outros, mas V. Ex.^a, como atacante de destaque, certamente soube e saberá driblá-los com o mesmo talento exibido nos gramados e a mesma elegância eternizada em versos do compositor Caetano Veloso, na canção Reconvexo, imortalizada na interpretação de Maria Bethânia.

Os campeonatos que conquistou, baianos nos anos de 1986/87/88 e brasileiro em 1989, pelo Esporte Clube Bahia coroaram a sua trajetória e credenciaram V. Ex.^a como atleta. Agora, nesta Casa do Povo, o reconhecimento e a aprovação são distintos no conteúdo, mas os superam na grandeza.

Saiba, V. Ex.^a, que passar a estar ao lado de nomes como o historiador Cid Teixeira, o senador Josaphat Marinho e o jurista Fernando Santana, entre tantos outros, é honraria que tenho dúvidas se dela sou merecedor.

Ao longo da minha vida, e retorno ao tempo, nada mais tenho feito do que me dedicar à família, aos amigos, à causa da justiça e à incessante luta pelo respeito aos direitos humanos, com a régua e o compasso que a Bahia me deu, como disse o eminente baiano Horácio Raymundo de Senna Pires por ocasião de minha posse como desembargador no 5º Regional.

Muitas vezes me perguntei e me pergunto o que seriam essa régua e esse compasso simbolizados na canção de Gilberto Gil a que se referiu o ilustre colega?

Não sei se tenho – ou terei – a resposta adequada, mas me remetem ao meu passado e ao meu presente.

Passado construído desde as minhas origens, em Itaberaba, cidade onde vivi até os meus 21 anos de idade, embora nascido no Hospital Regional de Ruy Barbosa, para onde meu pai conduziu minha mãe a fim de que o parto estivesse sob os cuidados do competente médico da região, Dr. Claudionor Batista de Oliveira. Segundo soube, parto difícil, saí a fórceps, como registram os sulcos até hoje presentes no meu crânio. Dei trabalho para nascer.

As recordações da infância primeiramente me levam à minha família: meus pais, Ailton e Renilde: retidão de caráter, conduta ética, dedicação à família e ao trabalho estiveram sempre presentes nas lições transmitidas por meio dos exemplos de vida. A eles, minha eterna gratidão por tudo que fizeram para propiciar aos seus filhos acesso ao saber.

Aos meus irmãos: Aildes, Renilton, Dilton, Amilton e Cleide: a lembrança da casa sempre cheia e movimentada, palco em que se desenvolveu o inquebrantável e sólido sentimento cujos laços de união não comportam aferição em palavras. Juntos sempre, apesar de nem sempre presentes fisicamente.

Aos muitos amigos cuja convivência a vida se encarregou de privar: a memória registra a liberdade das brincadeiras de rua, entre as quais os ‘babas’; ‘salvar’ e ‘mata-mata’; subir em árvores para, sorrateiramente, pegar frutas nos quintais das casas dos vizinhos nas ruas próximas; construir fazendas nos quintais; enfim, vida simples e alegre, como é comum nas cidades do interior da Bahia.

Como num passe de mágica, vêm à memória, e ainda falando sobre o tempo, inúmeras recordações de meus avós paternos e maternos, gente simples e trabalhadora, além dos tios e primos.

Dos primeiros, avós paternos, Arquimedes e Edméa: ela, encarregada do fabrico de linguiça artesanal em casa; ele, do pequeno comércio no mercado. Lembro-me muito bem, com nitidez, da incrível habilidade manual de meu avô em dobrar com as pontas dos dedos os pacotes de ‘meia-libra’ de arroz ou feijão, construindo quase um cadeado de papel, que, por mais que tenha me ensinado, jamais aprendi. A memória me remete à casa no ‘Jardim’ e à música de Luiz Gonzaga, invariavelmente tocada nas visitas dominicais, na ‘radiola’ situada na sala de jantar.

Aos avós maternos, João e Juventina, ou Du, como a chamávamos: memória inesquecível. Ele, vaqueiro; ela, dona de casa. Ele, homem do campo, conhecia como ninguém a lida com o gado e a linguagem da natureza. Como bom sertanejo, pressentia a chuva pelos avisos que lhes eram enviados pelas plantas, pelos animais e pelas nuvens. Ela, a se dividir entre os muitos netos. Como era difícil proteger as frutas do quintal para os netos que moravam aqui em Salvador contra as investidas dos que residiam em Itaberaba, no vasto quintal da Rua da Palmeira.

Ligam-me ao ensino primário, no Grupo Escolar João XXIII; aos cursos ginásial, no Colégio Estadual de Itaberaba; e técnico em administração, no Instituto Educacional Ney Braga. Nessas recordações, homenageio todos os meus professores, responsáveis por assentar as primeiras e definitivas pedras no alicerce da incessante busca pelo saber e pelo aprimoramento. Estudar sempre porque todos somos permanentes aprendizes.

Ao falar em aprendizagem, não há como esquecer os quase 3 anos no Banco do Brasil como menor-aprendiz. Primeira ligação concreta com o labor remunerado, com ela vieram as noções de regras, disciplina, cumprimento de horários e sentido de organização, e método de trabalho. Muitos ensinamentos transmitidos por todo o corpo de funcionários da agência Itaberaba.

Indelével foi, ainda, a ligação com meu tio, José Amando Sales Mascarenhas, prematuramente falecido, um dos mais destacados parlamentares que esta Casa já possuiu em toda a sua história. Homem de ideias firmes, parlamentar de posicionamento político sólido, advogado combativo. Com ele, o primeiro e decisivo contato com o Direito, responsável pela escolha profissional e por haver fincado os passos iniciais da indestrutível convicção da luta pela defesa das liberdades, da democracia e da necessidade da proteção jurídica àqueles cuja desigualdade social e econômica se faz presente na realidade cotidiana.

Novo horizonte surgiu com a vinda para esta capital, fruto da aprovação no vestibular para o curso de Direito na Universidade Católica do Salvador, mais tarde concluído na Universidade Santa Cruz, em Ilhéus. Com ela, desfez-se o sonho do jovem que pretendia ser piloto da Força Aérea Brasileira, mas principiou a definitiva trajetória no campo jurídico. O voo passou a ser outro.

Seguiram-se o ingresso na Justiça do Trabalho, em 1981, como servidor de nível médio, na cidade de Jacobina, que motivou o trancamento do curso por um ano.”

Quando deixei de conviver com colegas como Janair Tolentino Álvares, tirava os apontamentos com carbono para mim para que eu pudesse acompanhar as aulas pelo fato de estar ausente, trabalhando em Santo Amaro, posteriormente. Gratidão permanente. Reingresso em Santo Amaro – e aí foi o período em que Janair ingressou na minha vida. Salvador e nova mudança para Ipiaú.

(Lê) “Ali, por 4 anos, dirigi as atividades da Secretaria da Vara do Trabalho (então Junta de Conciliação e Julgamento), de onde saí como juiz substituto, após aprovação em concurso, retornando, mais uma vez, para Salvador.

Os anos em que exerci a jurisdição como magistrado de primeiro grau, em diversas localidades do nosso Estado e do vizinho Estado de Sergipe, foram decisivos para a minha formação. Permanente foi o aprendizado nas milhares de audiências realizadas, nas conciliações que celebrei e nas decisões que proferi.

O diuturno e salutar debate com os advogados e a proximidade com as partes dos processos são verdadeiras lições de vida, e do aplicar o bom Direito.

A realidade da relação capital e trabalho me foi apresentada com a beleza e a riqueza de tudo o que representa para a transformação da matéria-prima, utilização dos recursos da natureza e muitas vezes também – e, infelizmente – pela ‘coisificação’ do ser humano.

Posso afirmar, com segurança, que aprendi um pouco com cada pessoa que estive sob a minha jurisdição, seja como empregado, seja como empregador, como advogado, como testemunha, como procurador.

Cedo compreendi que as narrativas reproduzidas nas peças processuais são muito mais do que teses e antíteses; nelas, encontram-se debates que envolvem vidas humanas, representadas na inesquecível admoestação a mim feita pela diretora de secretaria da 3ª Junta de Conciliação e Julgamento de Salvador, Dr.^a Maria José ou D. Zezita – como a chamávamos – quando ainda era, eu, um servidor no longínquo ano de 1982. Disse-me ela, carinhosamente: ‘Meu filho, processos não são papéis; processos são pessoas’. Lição jamais esquecida.

A ascensão ao cargo de Desembargador me fez conhecer, ainda mais, a realidade do mundo do trabalho de nosso Estado e a importância do julgamento colegiado. Como integrante da 2ª Turma, ao lado dos eminentes desembargadores, Débora Machado, Dalila Andrade, Graça Laranjeira, Raymundo Pinto, Renato Simões e Luíza Lomba, travamos incontáveis debates de ideias, com o respeito à natural diversidade de compreensão do fenômeno jurídico e a preservação de fraterna amizade.

A atividade associativa foi responsável pela formação política. Integrar as diretorias da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (ANAMATRA), da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) e da Associação dos Magistrados do Trabalho da 5ª Região (AMATRA-5), esta última na condição diretor e presidente, por dois mandatos, propiciou-me conhecer o passo firme, o braço

forte e o brado retumbante da magistratura trabalhista brasileira, responsável pelo enfrentamento das grandes questões voltadas à defesa das prerrogativas da magistratura, das instituições, do Direito e da Justiça do Trabalho.

A vida acadêmica foi completada nas instituições de ensino do nosso Estado, e sou permanente devedor de todas elas. Além das que mencionei, na Universidade Federal da Bahia pude retornar aos bancos escolares, no mestrado.”

Reverencio, pois, os meus professores desta época, e o faço em nome do professor Edvaldo Boaventura, falecido hoje, nesta data, portanto. Aos magistrados, meus colegas, homenageio reverenciando a memória de Maria de Fátima Coelho Borges Stern, prematuramente falecida...

Falei do passado e agora falo do presente.

(Lê) “A trajetória profissional me fez chegar ao Tribunal Superior do Trabalho, em 11 de julho de 2013, e me tornou o 5º magistrado baiano em toda a história da Justiça do Trabalho, aqui no Tribunal.

Os eminentes Ministros que me antecederam, João de Lima Teixeira, Coqueijo Costa, Hylo Gurgel e Horácio Pires, honraram e honram a tradição do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região, pela erudição dos votos que proferiram e firmeza das convicções que defenderam, permanentemente referenciados como paradigmas de magistrados e da jurisprudência naquela Corte.

Residir em Brasília não abalou os laços que possuo com a nossa terra, pois, como costume dizer, ‘eu saí da Bahia, mas a Bahia não sai de mim. Levo-a comigo, onde quer que me encontre’.

Faço-o para muitas vezes rebater o preconceito estereotipado na malemolência atribuída ao baiano ou, quem sabe, para lembrar, como o fez Nizan Guanaes, contrerrâneo ilustre, em texto de rara inspiração, que ‘... na Bahia o trabalho é voltado para o lazer e encantamento do mundo. E, toda vez que você chegar estressado e branco e sair moreno e feliz, chegar descrente e sair otimista e apaixonado, nosso trabalho, nosso papel no mundo estará sendo cumprido.

Baianidade é enfrentar a dura vida de uma maneira que ela pareça menos dura e mais vida.’

Ou, ainda com ele, afirma que ‘O Brasil é o maior filho da Bahia. Ele nasceu aqui no dia 22 de abril de 1500 e é por isso que os brasileiros ficam tão felizes quando vão à Bahia. Porque eles estão, na realidade, visitando os parentes, revendo suas raízes.’

Por tudo e em tudo isso – e retornando também a Gilberto Gil – estão a régua e o compasso que a Bahia me deu. Com eles desenhei e tenho desenhado a minha trajetória, influenciada pela pluralidade da nossa gente, do sertão, da Chapada e do litoral; da diversidade de raças, de culturas e de religiões; sou fruto de tudo isso; das lições diárias e das marcas que em mim foram fincadas por cada um que por minha vida passou, como diz Gonzaguinha, ainda que em momento fugaz ou de forma anônima, pois, como afirma Saint-Exupéry, ‘Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.’

Sou grato a todos eles. Em mim deixaram marcas definitivas, por mais simples que tenham sido. Espero também neles tenha deixado marcas de algo de bom que possa ter feito.

No plano profissional, essa minha conquista representa o reconhecimento pelo trabalho anônimo feito por cada magistrado e cada servidor da Justiça do Trabalho de nosso Estado e do nosso país. Destaco de forma especial as equipes de todas as Varas nas quais trabalhei, do Gabinete no Tribunal da 5ª Região e, atualmente, do Tribunal Superior do Trabalho. A elas credito a homenagem com que hora sou distinguido e o meu permanente reconhecimento e gratidão.

Tributo, de igual modo, à advocacia e ao Ministério Público do Trabalho, sustentação do Estado Democrático de Direito e imprescindíveis à realização da Justiça.

Percebam, contudo, que a história não está completa, pois, como dito por autor desconhecido,

‘O destino decide quem vamos encontrar na vida, mas as nossas escolhas decidem quem fica.’

E o destino quis que encontrasse Esther, cujo relacionamento, iniciado há 39 anos, a serem completados amanhã, e a escolha comum fez com que, desde então, dividíssemos as nossas vidas, com derrotas e vitórias, alegrias e tristezas, motivados pela força de um sentimento cuja dimensão ultrapassa o plano existencial, pois, nas palavras de Henry Van Dyke, diplomata, pastor e escritor americano, abro aspas,

‘O tempo é muito lento para os que esperam

Muito rápido para os que têm medo

Muito longo para os que lamentam

Muito curto para os que festejam

Mas, para os que amam, o tempo é eterno.’

Com ela, ampliou-se o conceito de família, com o ingresso dos sogros, Hidelvécio e Conceição, tios, primos, cunhados e concunhados, com os quais compartilho novas experiências de vida.

Com ela, também, a mais bela e a mais importante de nossas realizações: os nossos filhos, Felipe e André,...”

André, hoje ausente, porque está no Rio de Janeiro, apresentando um trabalho no Congresso Brasileiro de Geologia.

(Lê) “(...) o primeiro deles já experimentando a mesma sensação de ampliação do horizonte familiar com Carolina, minha nora.

Diferentes no modo de ser, igualam-se no sentir, no pensar e no agir em busca dos bons propósitos, dos valores éticos e do fazer o bem. São nosso orgulho e fruto do nosso imorredouro amor. Espero que tenhamos sido e estejamos sendo bons pais.

Para mim, Esther, Felipe e André são, como sempre digo, o ponto de partida e de chegada, de tudo que sou, de tudo que faço, de tudo que tenho, como sempre destaco na dedicatória dos livros que escrevo, para tornar perene e público o reconhecimento. Esta conquista é de vocês!”

Sr. Presidente, comecei dialogando com o tempo e a ele retorno para dizer que é tempo de encerrar.

Faço-o para reiterar a V. Ex.^a e a cada parlamentar desta Casa o agradecimento pela indicação e aprovação, para agradecer a todos quantos comigo compartilharam a alegria deste dia, presencialmente ou não, ou ajudaram de forma direta e indireta na sua organização, compreendendo muito bem eu a dificuldade maior pelo sinistro ocorrido nesta Casa; o empenho permanente de todos fez com que a solenidade ocorresse na mais absoluta tranquilidade e normalidade.

E uso Caetano Veloso para dizer que, no ritmo do tambor do tempo, assim construí o meu destino. O tempo que me restar, espero continuar fazendo o que sempre fiz, dedicar-me à minha família, aos amigos e à causa da Justiça.

(Lê): “Fiz, faço e farei, tendo a Constituição da República como bússola a guiar a minha trajetória como magistrado, em busca das ‘janelas abertas para o porvir’, na lúdica imagem traçada pelo eminente jurista Carlos Ayres de Britto, e, quiçá, através delas, colaborar na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária, como promessa feita no preâmbulo da Carta Magna.”

Reitero o agradecimento a todos quantos aqui estiveram, aqui estão neste dia de hoje, em especial referência à minha família, aos meus amigos e aos meus colegas de hoje, de ontem e de sempre.

Assim foi e assim será o meu tempo.

Muito obrigado a todos.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Quero fazer um registro da presença do Dr. Carlos Tourinho, diretor da Associação Brasileira dos Advogados Trabalhistas; Jorge Teixeira e Magda Teixeira, advogados; Dr. Graciliano Bonfim, procurador da ALBA; Marcelo, amigo; Júnior, também advogado e amigo; Antônio Natalino Dantas, amigo; Felipe Lobão Ferraz Ribeiro, advogado; Ferraz Neves e Dória, advogados; Eduardo Lomba da Elite Estratégia Política; João Falcão, amigo; Cláudio Oliveira, amigo; Karina Moncorro, amiga; Regina Carvalho, amiga; Conceição Chaves, amiga; Julieta Viana Machado, amiga; Ana Granjo, amiga; Eliane Lisboa, amiga; Cristiano Augusto, advogado e amigo; Zezé Gantois, amiga; Eduardo Jorgens, amigo; e Breno Cavalcante, amigo.

Quero, antes de fazer o encerramento, fazer um registro do que recebi de um grande amigo, conterrâneo de Senhor do Bonfim, desembargador Jéferson Muricy, que não está presente aqui porque está em Brasília, mas ele fez questão de encaminhar, e eu vou ler a informação.

Ele coloca: (Lê) “Nobre amigo, acabamos de aprovar na 2ª Turma do TRT uma moção de congratulações pela comenda conferida ao ministro Cláudio Brandão. A turma encaminhará à ALBA, ao gabinete de V. Ex.^a e à família do ministro a moção aprovada. A moção foi da minha iniciativa para celebrar a felicidade da sua iniciativa

e o merecimento do homenageado, cujas virtudes pessoais e profissionais são imensas e de amplo conhecimento. Encaminho-lhe esta mensagem para dizer da minha alegria com a entrega de tão alta honraria ao nosso querido Cláudio Brandão. Parabéns ao agraciado, à ALBA e a você, pela iniciativa. Um abraço aqui do Dr. Desembargador Jéferson Muricy”.

Vou também fazer um registro da presença do deputado federal Nelson Pelegrino.

Ministro Cláudio, como o senhor colocou, eu acho que é importante também fazer esse registro. Essa foi uma indicação nossa, porém, esta Casa, por unanimidade, todos os 63 deputados aprovaram essa honraria ao senhor. Portanto, é importante a gente fazer esse registro também.

Vou fazer uma leitura rápida.

(Lê) “Exm^o Sr. Deputado Angelo Coronel, presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, solicito, por gentileza, a leitura...” Eu não sou o Angelo Coronel, mas estou presidindo a sessão, farei a leitura. “...do teor do ofício anexo na abertura da solenidade...” Lamentavelmente chegou agora, já no encerramento. “...como forma de justificar minha ausência no honroso evento. Desembargador Augusto de Lima Bispo, 1º vice-presidente do Tribunal de Justiça da Bahia”. Está lido e registrado.

Convido a todos os presentes para ouvirmos o Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Em nome da ALBA agradeço a presença das autoridades civis, militares, amigos e familiares do homenageado, das senhoras e dos senhores deputados, desembargadores, juízes, da imprensa.

Um abraço. Muito obrigado.

Em nome de Deus, que nos guia, declaro encerrada a presente sessão.

Um abraço e muito obrigado.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.